



Relatório do Encontro dos 700 Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

Introdução

Este relatório tem como objetivo ajudar na construção da memória do Movimento dos Catadores, nas reflexões para o seu desenvolvimento e propiciando uma avaliação de sua rica e produtiva diversidade.

O evento foi concebido como uma forma de possibilitar o encontro das 700 lideranças que passaram pelo processo de capacitação, em seus respectivos estados, pelo projeto do MNCR com o MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome) realizado durante todo o ano de 2005. Estavam presentes no evento de 700 catadores(as) delegados(as) de 23 estados do Brasil e Distrito Federal, além de contar com a presença de lideranças da Argentina e da Colômbia. O encontro foi realizado nos dias 21, 22 e 23 de Março de 2006, no Minas Clube de Brasília, teve apoio da Fundação Avina e foi coordenado integralmente pelos catadores(as). Tendo em vista a negociação do Movimento com o Governo Federal para a abertura de 39 mil postos de trabalho para os catadores, com o custo de 170 milhões de reais, foi agendada uma audiência com o Presidente da República e Ministros integrantes do Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores durante o Encontro. Para tal evento organizou-se uma marcha dos participantes do encontro que, somados aos catadores do DF, totalizou cerca de mil manifestantes. Esta marcha teve como objetivo apoiar a comissão em negociação com o governo e marcar presença frente às discussões no centro do poder administrativo e político do país.

21 de Março Trabalhos da manhã

O dia iniciou-se com a animação cultural. Muitos cantos e gritos de luta. Foi apresentada, por Roberto (SP), uma base comum de acordo para os procedimentos dos dias de trabalho do encontro (Anexo 1). Após esta apresentação a mesa do painel da manhã foi composta por Luis Henrique (MG), como mediador, Alexandre Camboim (RS), “Sapo” (UTRACA, Argentina) e Daniel Said (CNBB).

Daniel, em sua apresentação, preocupou-se em enfatizar o papel do Brasil e da América Latina num contexto de Globalização pautada pelo livre mercado internacional. Logo no início de sua fala pediu para as mulheres levantarem-se, depois os homens e por último os afro-descendentes. O interessante nisto foi que ficou explícita a forte presença das mulheres e dos negros no movimento. Perguntando para o público quais as marcas dos tênis, dos celulares e dos relógios, Daniel mostrou que a globalização está na vida de todos, “na nossa roupa e na nossa cabeça”. Fez sérias críticas a idéia corrente de uma aldeia global unificada, pois esta suposta unidade não distribui uniformemente a riqueza que produz para todos. Assim, a globalização, vista por alguns como algo positivo, é fundada na desigualdade de um livre comércio que se diz ser livre e que, entretanto, funciona somente para alguns países. A televisão trabalha neste processo como aparelho capaz de operar uma construção de um modelo de vida, um padrão de corpo e uma referência de belo e feio. O produto que o país mais exporta não é a soja, e sim o dinheiro. A cada dia o país paga cerca de 500 milhões para os dividendos da dívida externa.

Sobre os catadores disse que a tal globalização pode atrapalhar muito. Sua riqueza está atualmente sendo cobiçada pelas empresas multinacionais, já que houve um acordo que



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

possibilita a privatização, por empresas estrangeiras, do sistema de coleta e de reciclagem das cidades brasileiras. É fundamental a organização dos catadores em torno dos seus interesses e contra os interesses privados estrangeiros. Daniel, que faz parte do Projeto Jubileu Sul (perdão da dívida para os países pobres) disse ser também uma mentira a comum fala dos políticos “se o país crescer vai ter emprego para todo mundo”. “Mentira!” O que vai acontecer se o país crescer economicamente é que os ricos irão ter mais dinheiro nos bancos e os mais pobres na mesma.

Na fala de Sapo este leu o texto abaixo traduzido:

O que querem dizer quando falam em qualquer parte da América Latina sobre o Tratado de Livre Comercio, da O.M.C., da ALCA, do FMI, etc?

Quando percorremos as ruas de qualquer cidade, embaixo de chuva, sob o calor agonizante, tratando de juntar os materiais, esses nomes parecem tão distantes, mas então quando chegamos em nossas casas, ao galpão, quando os vemos depois de classificados e carregando os caminhões dos atravessadores, vendendo nossos produtos recuperados quando vemos o dinheiro que nos dão estes atravessadores, vemos que nossos filhos não possuem uma boa educação, não temos programas de saúde quando ficamos feridos, nossos pais e avós depois de trabalharem durante muitos anos não tem lugar nesta sociedade, vemos o desemprego de nossos vizinhos, os que ainda estão trabalhando desgastar-se nos trabalhos pouco remunerados sem reconhecer seus direitos, vemos os sem-terra sem essa reforma tão esperada, de tanto sangue da luta de nossos irmãos pela América Latina que tem derramado buscando melhorar sua qualidade de vida, vemos a luta dos trabalhadores que ocupam suas fábricas (abandonada pela patronal) mesmo assim, não conseguem manter as condições econômicas para sustentarem os trabalhos, e é aí que olhamos, nos tocamos que são estas siglas.

Estas siglas que representam aos interesses das grandes empresas multinacionais que se instalam em nossos países somente para explorar, para usar nossa gente como mão-de-obra barata, para terminar com nossas riquezas naturais, nos usar como consumidores de seus produtos descartáveis, mudando nossa cultura pela que orchestra a lei do mercado.

Estas empresas possuem cúmplices em nossos países, mercenários que vendem seus povos por um punhado de moedas, hipotecando o futuro de nossos filhos.

Vemos a todos esses firmando tratados em nossas costas, ignorando o mandato popular que os colocou a frente, e gerando mecanismos de dependência de nosso povo nos acordos que no geral significam aumento de impostos e tarifas aos trabalhadores e por esse punhado de moeda que só favorecem a um setor da sociedade.

O mesmo setor que em toda América Latina apoio no passado a iniciativa que termino em golpes de estado que nos trouxeram o neoliberalismo, que desmontaram as industrias de nossos países em beneficio das importações do norte, que apoiaram estes setores na desarticulação na América latina dos movimentos sociais.

Hoje, vemos estes setores aplaudirem os investimentos do FMI, da OMC, etc., Vocês pensam que esses aplausos são porque melhoraram nossas condições de vida?

Mas diante destes aplausos, o que vemos como povo?

Nossos povos vão buscando como romper com esta lógica imposta. Na Argentina depois que o povo saio as rusa e declarou que se fossem todos, foram buscando as ferramentas para marcar seu caminho até o poder popular, devagar vão surgindo lutas e organizações, que vão desde os mov. de desempregados e territoriais até as fábricas recuperadas, desde os novos processos de organização sindical y campesina.

Dentro destes “novos” movimentos tem surgido um que vai marcando e buscando sua organização que são os cartoneros, que mesmo existam desde 1877 (registro histórico municipal



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

de marcha de carrinheiros pela entrada aos lixões) desde a crise de 2001 foi aprofundando sua organização.

E aqui voltamos a falar dessas famosas palavras e siglas FMI, OMC, ALCA:

O porque dos planos destes organismos de gerarem fábricas fechadas não é que a ALCA apareça com uma chave e feche as fábricas, é que o livre comércio só é livre para as multinacionais que entram com seus produtos a preços muito baixos e por tanto nossos produtos já não tem forma de competir e a partir disto é que as multinacionais se expandem em nossos países, por isso é que os trabalhadores as recuperaram dos patrões que as deixaram abandonadas, sem se importar com as famílias desses mesmos trabalhadores, mas sim o que lhes importam e a repressão a quem quer por em pé e defender suas fontes de trabalho e aqui de novo são os acordos bilaterais que se dão na capacitação e infraestrutura da repressão.

Por outro lado os camponeses vêem que trabalham nas terras que não são deles pagando arrendamentos a latifundiários e render-se aos planos das multinacionais da soja transgênica. (Explicação dos quadrinhos). Que faz os pequenos proprietários venderem a baixos preços à estas multinacionais as terras trabalhadas por várias gerações. E por outro lado num país (Argentina) que tem 24 milhões de pobres não tem um plano de reforma agrária e sim tem repressão para os camponeses que se organizam (Mocase, MoCaCordoba, etc.)

Estes organismos que vieram por nossos recursos naturais, por nossa terra, por nossas fábricas estão vindo também pelo lixo. Oitenta e seis por cento de que se recicla na Argentina se exporta (sem contar tudo o que se enterra), desde nosso carrinho até o destinatário final tem muita distância. O governo municipal da cidade mais rica da Argentina (Bs.As) os paga por tonelada que junta e que enterra das empresas, e declarando por lei que quando o vizinho coloca o lixo na porta da rua isso é do município que entrega esse trabalho à empresa privada. Para isso armam um organismo chamado de Recuperação de Espaços Públicos aonde se reprime os compas que trabalham nas ruas.

Se bem que tem uma lei que foi conquistada pela mobilização do setor desde aproximadamente o ano de 1991 se conseguiu a partir de 2003 o reconhecimento do trabalho dos cartoneros na cidade de Bs.As, não existem na lei os direitos que lhe correspondem como servidor publico que diz a lei 992 no artigo 2 fala de sua incorporação no recolhimento diferenciado. Mas não se paga pelo mesmo. O único que funciona até mediados do 2005 desta lei é o censo dos cartoneros que ia acompanhada de uma credencial que muitas vezes não chego ao cartonero dado esta situação se voltaram a apresentar novas lutas com o governo.

Nesta lei também diz que se devem implementar centros de apoio (denominados centros verdes) gerenciados pelas cooperativas cartoneras e agora a partir das mobilizações e discussões dos companheiros organizados se começa a ver como se gerenciariam, aonde se localizariam, e como se consegue a infraestrutura para fazê-las funcionar. Também a luta é não cair na proposta dos organismos internacionais para perder os espaços dos companheiros nas ruas. Por isso para nós é importante o funcionamento da primeira unidade de processamento de RUS na gestão da coop de recicladores de Bajo Flores. A partir daí melhorar o preço eliminando o intermediário.

Esta é nossa luta hoje em dia acompanhada da luta por melhores condições de trabalho, se tem feito marchas, greves de fome e ocupações de fóruns de justiça por subsídios para que as crianças não trabalhem na rua catando. Temos promovidos mobilizações para cobrar dos organismos da União de recuperação e espaços públicos aonde irão atuar para que não reprimam os compas. Neste processo de fazer, a mais de um ano que estamos organizando o setor em comum com companheiros nas cooperativas e independentes a organização de UTRACA e da Federação Ecológica de Cartoneros e Recicladores. Neste marco é que vemos



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

que é possível enfrentar desde nossas bases, resistindo no dia adia com os companheiros, desde nossos carrinhos, viajando nos trens brancos (que carregam cartoneros de outras províncias) ou em caminhões resistir e construir a esperança de um mundo mais justo.

Irmanados com os outros setores de trabalho na Argentina mas também sabendo que temos um inimigo muito grande, um dragão de muitas cabeças, com muitos nomes mas com uma mesma idéia: manter-nos dominados. Por isso sabemos que a necessidade da articulação desde as bases e na busca da construção das ferramentas de coordenação Latino-americana porque unidos formamos um punho que golpeia mais forte. E esse punho companheiros colocamos nosso esforço dia a dia Cartoneros e Catadores construindo desde nossas bases e nossas organizações baseadas no poder popular para essa Latino-américa unida mais justa e mais livre que todos desejamos.

SAUDE E VIVA AOS QUE LUTAM!!!

Gáucho disse ser de fundamental importância que as lideranças presentes passem para o pessoal da base as informações que foram e serão aqui adquiridas. É necessário que os catadores de todo Brasil e em suas diferentes situações e localidades, no galpão, na rua ou no lixão, tenham uma noção daquilo que chamou de “análise de conjuntura”. Ou seja, saibam que a dificuldade que passam em determinada cidade não é uma coisa isolada, e sim uma experiência compartilhada e enfrentada por um número maior de catadores. Uma das principais dificuldades atualmente enfrentadas pela categoria são as PPP’s, as parcerias público-privada, que ameaçam a integridade dos serviços públicos e o trabalho dos catadores.

Parte da Tarde

Devido ao atraso da manhã, que foi em sua totalidade ocupada pela apresentação da mesa, não foi possível desenvolver os grupos de trabalho como desejado, e estes tiveram que ficar para tarde. Foram escolhidos 20 coordenadores de grupos responsáveis pelo trabalho e estes passaram por uma rápida capacitação de 30 minutos que será esquematicamente aqui apresentada.

Os grupos foram compostos de maneira a possibilitar maior diversidade regional possível em cada um. Seriam levantadas algumas questões referentes aos temas debatidos na mesa, tais como América Latina e Brasil, após isso os grupos buscariam identificar os problemas existentes na vida do catador na escala nacional, regional, estadual e municipal. A proposta era tentar identificar as raízes (as origens) dos diversos problemas apresentados pelos catadores participantes dos grupos, e isso se fazia desenhando uma tabela de duas colunas de modo que na esquerda fossem listados os problemas e na coluna da direita apontadas as raízes ou origens destes problemas. As raízes seriam diferenciadas por níveis de análise: político, ideológico, econômico, jurídico, social e militar. Após isso seria desenhada uma árvore na qual as folhas eram compostas pelos problemas e as raízes compostas pelas origens destes.

A partir daí poderia ser mais bem discutido com o grupo algumas questões básicas.

- De que forma podemos solucionar os problemas que afetam os catadores?
- Quem são os responsáveis pelas raízes dos problemas que afetam os catadores?
- Quem são nossos inimigos? Qual a classe social que eles pertencem? Quais suas características?
- Quem são nossos aliados? Qual a classe social que eles pertencem? Qual classe nós pertencemos? Quais suas características?



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

- Os técnicos são aliados ou inimigos?
- Quem representa a maioria, os dominantes ou os dominados? Como a minoria faz para dominar a maioria?

Por último seria apresentado esquematicamente um campo da batalha no qual estaria envolvido o catador junto com seus aliados contra os dominantes e suas instituições de poder.

E aqui vão os resultados gerais do material produzido nos grupos de trabalho.

Principais problemas:

Baixo preço dos materiais recicláveis vendidos (presente em vários grupos), ausência de leis de incentivo ao trabalho do catador, falta de espaço para trabalho, preconceito da sociedade em geral para com o trabalho do catador (presente em vários grupos), dificuldade de organização entre os catadores e no interior dos núcleos, desunião e disputa entre os catadores, entre as cooperativas e entre os diferentes municípios, alcoolismo, dificuldade na relação com os técnicos, falta de recursos financeiros para investimentos, falta de equipamentos para trabalho, falta do reconhecimento do trabalho ambiental, o transporte do material é muito caro, ausência de benefícios para o catador, falta de conscientização da população para com a coleta seletiva, dificuldade em conseguir acumular um capital de giro mínimo na cooperativa, desconhecimento das leis de cooperativismo, falta de fiscalização sobre as verbas públicas, conflitos constantes com a prefeitura que os desrespeita (perseguição da prefeitura, questão esta, presente em vários grupos), ameaças de morte por parte da polícia assim como dos atravessadores (falta de segurança geral), falta de materiais na praça, falta de capacitação, falta de comunicação entre os catadores, impostos abusivos para as cooperativas, ausência de direitos básicos (como habitação, saúde, educação).

Inimigos:

Políticos, atravessadores, imprensa e mídia, aparelhos repressores, burguesia, empresas, bancos e instituições internacionais, elite, ferro-velho, grandes aparistas.

Aliados:

Povo, classe baixa, MST, sem-teto, população de rua, pastorais, algumas ONG's e empresas, Deus, os movimentos sociais, desempregados, comunidades populares, apoiadores, trabalhadores informais, aposentados.

Considerações de 1 grupo

Necessidade da construção de leis favoráveis ao catador, necessidade de maior formação e capacitação sobre leis, política, gestão e conhecimento técnico. Necessidade de maior articulação e apoio entre os aliados, tomar cuidado com os tipos de apoio (ONG's, bancos e estado) de forma a não criar a dependência destes.

**22 de Março
Parte da manhã**

O dia iniciou-se novamente com a animação cultural. Logo após foi passado o filme do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Só depois é que a mesa foi composta por Antônio (Pangea, BA) e João Damásio (UFBA).



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

Damáσιο apresentou a pesquisa feita sobre o custo do posto de trabalho dos catadores. Colocou que o governo brasileiro possui muitos recursos e as verbas que o MNCR reivindica, se comparado à suas conseqüências positivas, seria uma migalha já que o custo do posto de trabalho representa apenas 8 horas por ano do lucro gerado pela política de juros (bancos). Representa apenas 10 milésimos daquilo que é pago para o FMI. “Resta ver a vontade política do governo em apoiar uma organização popular como o MNCR”. Damásio enfatizou muitas vezes que para atingir o objetivo, receber 170 milhões em verbas destinadas ao fortalecimento da organização dos catadores, é necessário apresentar as demandas de forma clara, organizada e mobilizando-se coletivamente. E para esta mobilização ocorrer é necessário uma bandeira de luta (coisa que o MNCR já possui), ter uma pauta permanente de reivindicações e que a mobilização precisa ser feita de forma organizada junto com o poder público, porque só assim a sociedade percebe que o catador é um trabalhador realmente inserido na economia e na política. Só assim, este sujeito fundamental na sociedade será reconhecido.

O projeto prevê 244 unidades básicas de catadores, em 199 municípios do país e em 22 estados. Sendo que a unidade básica constitui-se de 160 catadores, 2 galpões, 10 contêineres, 2 prensas, 2 balanças, 1 empilhadeira, 1 caminhão, 80 carrinhos, equipamentos de cozinha, de computador, sala para aulas e reuniões, e assistência técnica. “Algo que não representa um programinha assistencial e sim um investimento produtivo, pois se economiza matérias primas virgens e energia”. O MNCR deve ter muito claro que o apoio do governo aos catadores não é uma esmola, não é simplesmente um serviço, também não é perder dinheiro, é sim, um *investimento produtivo*. Economiza-se muita energia ao reciclar as latinhas, pois assim evita-se a produção de alumínio e a alta taxa de energia que esta produção demanda. Também a reciclagem de papel evita desmatamento e o reflorestamento que homogeneiza a diversidade de espécies vegetais. Colocou que há possibilidade de processamento de alguns materiais dentro das próprias cooperativas e que algumas delas, mais avançadas, já o fazem. “É uma burrice mandar para os aterros uma quantidade enorme de material reciclável”. Os catadores reciclando este material aumentam a vida útil dos aterros e com isso economizam os gastos dos municípios. E neste sentido é que João Damásio diz que “os catadores são atores sociais de ponta”. São os verdadeiros sujeitos do momento. Aquele que pratica a reciclagem está na vanguarda, no futuro.

O limite para a assinatura de qualquer acordo com o governo é até o final abril, pois a legislação não permite a liberação de recursos até 6 meses antes das eleições. “Assim como se remunera a coleta de lixo, deve-se remunerar a coleta de materiais recicláveis”. Contudo, um dos problemas de se falar com o Estado brasileiro e seu Comitê Interministerial é que cada ministério fala praticamente uma língua diferente e assim não conseguem se entender. Outro problema também, é que não existe uma lei nacional para os materiais recicláveis, o que há é uma lei para os resíduos sólidos, que é uma coisa mais ampla. “É necessário então construir uma categoria nova na lei, o ‘material reciclável’, e que só assim os ministérios poderão conseguir falar uma mesma língua”.

Depois que João Damásio apresentou estas questões o microfone foi passado para Antônio (Pangea) que afirmou que as prefeituras de todo Brasil “mais atrapalham que ajudam os catadores do país”. Isso se dá pelo fato de muitas vezes ser lucrativo para as prefeituras privatizar a coleta. Acontece que muitas vezes esta lucratividade se dá na clandestinidade, na “maracutaia” através de acordos não explícitos em que normalmente promovem um “caixa dois” para os políticos envolvidos. De modo que os catadores devem ter consciência de seu importante papel na sociedade e assim reivindicar seus direitos. Os catadores geram um grande impacto ambiental, produzem uma cidade com maior qualidade de vida e não são reconhecidos por isso. Contudo



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

nada cai do céu, todo resultado obtido provém da mobilização e organização dos catadores. Portanto, “os 170 milhões que o MNCR está demandando, não é um pedido, é um direito”.

Logo após a fala de Antônio, foi aberto o microfone para os catadores que gostariam de se manifestar ou de fazer perguntas. Muitos catadores se interessaram e fizeram uma grande fila que tomou a frente do palco. Vários problemas particulares vividos pelos catadores foram apresentados. Cabe ressaltar pelo menos quatro questões de relevância. “Como é que vão ser repassados estes valores para as cooperativas?”, “O catador também não tem direito à aposentadoria e outros direitos do trabalhador?”, “Como é possível construir leis que obriguem as empresas produtoras de embalagens (recicláveis) a contribuir de alguma forma com os catadores?” e “Como fazer em relação a propriedade do terreno das cooperativas, o projeto irá investir nisto?”.

Os comentários de Antônio e João foram na direção de que os catadores têm de se articular em redes e grupos de cooperativas para conseguir cortar os atravessadores e assim conseguirem mais força. Desta maneira é possível reciclar mais e, quem sabe, até processar o material antes da venda, agregando mais valor ao material e elevando a renda coletiva. Em relação aos terrenos a resposta foi de que os catadores têm de ter uma postura crítica, já que esta demanda deve ser apresentada ao município que sempre possui uma certa quantidade de terras não aproveitadas. Uma saída mais direta seria a ocupação organizada dos terrenos mais estratégicos, outra opção (que pode ocorrer junto com a primeira) seria uma aproximação e articulação com os vereadores mais acessíveis para conseguir algum tipo de interlocução com as prefeituras. Esta última opção também seria uma estratégia interessante contra a prática comum de perseguição aos catadores por parte do poder municipal e também na possibilidade de se construir leis que beneficiem a categoria. Como as empresas de embalagens têm um dever para com a sociedade, deve-se *exigir* e pressionar estas para, no mínimo, doar o material reciclável para os catadores.

Parte da tarde

As caravanas do MNCR foram agilizadas para construir a Marcha dos catadores em Brasília e para marcar presença na negociação com o Governo Federal. A concentração foi na Catedral onde catadores(as) do DF esperavam os participantes do encontro. A caminhada percorreu de forma organizada, com o bandeiraço do movimento aberto, faixas e cartazes feitos a mão, até a frente do palácio do planalto onde a reunião com o presidente se realizava. Um carro de som acompanhou os manifestantes tocando músicas do movimento e puxando gritos de luta.

23 de Março Parte de Manhã

A primeira mesa do dia foi composta por Cristina (Fundação Luterana, RS) e Alex (RS), com um tema importante e polêmico: “Qual o papel das entidades parceiras no fortalecimento do MNCR?”.

Cristina iniciou dizendo que o MNCR não é só reciclagem, ele também é rua, concepção de trabalho e de cidade. Assim o movimento também relaciona-se, necessariamente, com outros



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

atores. “Qualquer parceria pressupõe uma troca entre instâncias diferenciadas, uma interlocução entre identidades diferentes”. As parcerias do MNCR devem ser fundadas no apoio e na troca de visões de mundo, contudo é necessário permanecer um certo princípio comum. Diferenças podem estar associadas à métodos e identidades distintas, entretanto, um certo chão deve ser compartilhado, as utopias devem ser parecidas. É isso que é importante ao indagar-se sobre as parcerias: quais os critérios e princípios que fundam a troca? “A parceria que não concebe o catador como protagonista é uma parceria frustrante, não é parceira, se coloca como superior”. Cristina apresenta então três momentos na recente história brasileira:

1º A democratização, com as “diretas já” e a emergência das lutas sociais pelos direitos básicos. 2º A era Collor e FHC. Um processo intensivo de privatização, período de corte nas políticas sociais, a construção de uma política focalizada e não mais universalizante. A política se fragmenta e o papel do Estado diminui. Começa-se a falar em gestão social, projetos sociais, fundações universitárias, responsabilidade social, ONG’s (contudo o que é um projeto social? O MNCR não pode limitar-se a um projeto social.). 3º A crise de identidade. Muitas vezes não se sabe mais quem é o movimento e quem é parceiro. Por exemplo: qual o papel do técnico? Muitas vezes os técnicos não sabem sobre o cotidiano dos catadores (que são os verdadeiros técnicos da coleta e da reciclagem).

Cristina relata um pouco sua experiência em sua parceria no Sul e fala das dificuldades que enfrenta nestas relações. Falou que no RS primeiro se discutiu sobre os princípios do MNCR antes de discutir o projeto social e o convênio. As parcerias respondem aos objetivos do projeto, mas os movimentos não devem se prender unicamente a isto.

Após a apresentação de Cristina, Alex teve de se retirar da mesa por motivos externos e chamou outra liderança dos catadores, Gilberto (MG) para assumir seu lugar e chamou também o Eduardo (SP). Gilberto colocou que as lideranças de base têm por dever puxar as discussões locais e trabalhar as relações com os parceiros sem deixá-los fazer tudo. “Os técnicos e apoiadores trabalham *junto* com a liderança local e não *na* liderança”. Os técnicos devem respeitar a cultura e a decisão dos catadores mostrando o “caminho das pedras”, socializar os conhecimentos e as informações importantes através de reuniões coletivas. Porém, não devem barrar as lideranças naturais que vão surgindo nas bases locais dando espaço e incentivo para o seu desenvolvimento. Em suma, “ele não deve fazer *para* o catador, deve fazer *junto* com o catador”.

Eduardo disse que “o catador tem de saber o que fazer e aquilo que deve fazer para não deixar os outros fazerem para ele”. Por isso é importante para o catador se capacitar, entender os termos técnicos, ter conhecimento sobre estes. “Não se pode deixar as coisas para os outros fazerem”. “Os catadores não são contra os técnicos, só querem ter autonomia”.

O microfone foi então aberto e, mais uma vez, um grande número de catadores interessados tomou a frente do palco. Algumas colocações importantes foram apresentadas: “O que fazer quando a parceria não presta contas?”, “É possível discutir antes de se afirmar um convênio?”, “Deve-se construir uma comissão de ética dentro do MNCR para se apurar as más parcerias” e “Qual o apoio do MNCR em relação às bases em formação?”.

As respostas da mesa foram várias. “Existem ONG’s que são *atravessadoras de recursos* e que mais atrapalham que ajudam os catadores”. “Já existe uma comissão de ética no MNCR em desenvolvimento”. O Papel da ONG parceira é a socializar as informações (projetos e



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

recursos), o planejar conjuntamente o projeto, prestar contas, ter transparência nos processos decisórios e tentar atravessar o campo da diferença que articula linguagens tão diferenciadas como as dos catadores e a dos técnicos.

Tal foi o interesse e ansiedade por uma interlocução que a mesa abriu novamente uma rodada de falas no microfone e as colocações foram de tal forma variadas que extrapolaram o tema da mesa e foram em direção a uma autocrítica. “Até que ponto os catadores têm realmente pressionado os técnicos para extrair seus conhecimentos?”, “75% do recurso gasto nas ONG’s é para pagar o pessoal técnico”, “Existe muito catador que vem para cá sem discutir e fazer parte das reuniões nas bases”, “as pessoas não podem vir aqui para passear, é importante passar para as bases aquilo que aqui aprendemos”, “a capacitação deve ser mais aprofundada, a que foi feita até aqui não dá conta de chegar até as bases”, “é necessário que trabalhemos junto com as escolas”, “a verba prometida pelo MNCR (170 milhões) deve chegar as bases se não vai ter briga”, “o princípio de representação do MNCR (democracia popular direta) não foi seguido na reunião com o presidente. Tinha muito mais que um representante por alguns estados e muitos outros estados sem nenhuma representação”. No final da discussão Anita de Belo Horizonte apresentou-se e afirmou a existência do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR).

A segunda mesa do dia foi formada por Cido (MG), Antônio (Pangea), Cristiano (RS) e Maria Alice (PA). O tema era: “Responsabilidade social das instituições privadas”. A apresentação começou com Cido, e este iniciou parabenizando o encontro, pois em reuniões anteriores eram as organizações que apareciam mais, e o que se via ali era a presença maciça dos catadores e do MNCR, isso demonstra um importante processo de autonomização do movimento. Só organizando-se é possível pressionar o poder público e os órgãos responsáveis. A demanda política deve ser feita de forma bem articulada e organizada para as lutas sociais não resultarem em simples programas compensatórios. Cido apresentou uma rápida trajetória dos catadores no Brasil. Disse que a população pobre brasileira descobriu no lixo a possibilidade da vida, ela encontrou a vida no descarte da sociedade. Antes dos catadores catarem o material reciclável, este não era um valor, portanto, “foi o catador que instituiu valor econômico ao lixo e agora as empresas querem se apossar deste valor”. Assim, os catadores, em busca de sobrevivência nas ruas e nos lixões, são os verdadeiros precursores da coleta seletiva. Hoje se estima, no Brasil, a existência de mais de 500 mil catadores sendo que estão presentes em 79% dos municípios do país. “Os catadores inventaram a coleta seletiva, e se alguém quer ajudar vocês, tem de reconhecer isso”. O processo de privatização da coleta é um problema que os catadores têm de enfrentar, pois pode “colocar um montão de gente na rua, no desemprego, dependendo dos donativos, das bolsas e dos programas compensatórios que não ajudam em nada”. “Ficar submetido aos donativos, é ficar dependendo das ordens dos poderes econômicos e políticos (mercado e Estado)”.

Cido também disse que a relação dos catadores com o poder público e a sociedade é problemática e geralmente marcada pela discriminação, perseguição dos fiscais, repressão policial e operações higienizadoras. Quando o poder público entra em contato com os catadores é através da polícia, fiscalização e limpeza urbana. Assim, “o MNCR não se pode esperar a mudança social de um governo ou de uma ONG, ele mesmo tem de fazê-la”. Contudo, a luta isolada é na maioria das vezes perigosa e estéril. É necessário arranjar apoios e novas formas de articulação com o Estado em suas diversas instâncias (municipal, estadual e federal). Deve-se ter muito claro que os catadores merecem a remuneração dos serviços prestados para sociedade e que o objetivo final é o controle total da cadeia produtiva da reciclagem.



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

Cristiano (setor de formação do MNCR do RS) foi o segundo a falar. Disse que é importante para o movimento a construção de sua identidade e de sua consciência própria. Um problema na construção do MNCR é que as empresas que destinam uma migalha de seus recursos para os catadores saem como se fossem as corretas e boazinhas da história. As indústrias de reciclagem cresceram em quantidade, através de altos empréstimos bancários, e o preço do material abaixou muito por causa dos juros. “O sacrifício do achatamento da renda dos catadores é culpa dos juros dos bancos que investem uma migalha e saem como os socialmente éticos”. Assim as empresas privadas disputam o lixo com o catador e os governo apóiam as “empresas socialmente responsáveis” de várias maneiras e fundamentalmente através das PPPs (parceria-público-privada). “A cada migalha que o governo dá ele chama de responsabilidade social”. “Assim como tem técnico vendido, tem também catador vendido, então, a questão não é ‘técnico X catador’ e sim ‘vendido X não vendido’”. Por isso é fundamental para o MNCR, que os catadores descubram quem está por trás das parcerias e assim decifrar as práticas.

Foi então aberto o microfone para o público e este fez várias colocações: “As prefeitura estão fechando o lixão e proibindo os catadores de trabalhar”, “No Glicério a polícia e o carro pipa expulsam os catadores da rua”, “Como é que funciona a variação regional do preço dos materiais?” e “Eu posso vender meu material em outro estado que paga melhor?”. As colocações da mesa foram em várias direções. “A questão dos catadores está sendo tratada pelas prefeituras como um caso de polícia”, “Quem deveria pagar pelo trabalho do catador é a chamada responsabilidade social, a parceria-público-privada”, “O ICMS, é um imposto regional que cobra qualquer tipo de circulação, ele é uma burocracia enorme”, “Os princípios dos catadores devem estar na cabeça de todos e onde houver catador ameaçado, o MNCR deve estar”. Foi dito também que muitas das ONG’s são atualmente atravessadoras de dinheiro público e os catadores devem cobrar dos respectivos apoios a socialização do conhecimento para a captação de recursos. A ONG deve dividir tudo o que ela sabe e deve elaborar um método pedagógico para se comunicar e se relacionar com os catadores.

A última mesa foi rapidamente composta por Adriana (MS), e Carlos (PR). Em função de incidentes que houveram com algumas caravanas (assalto, acidente e doentes), Dona Elza, catadora de SP, rezou o Pai Nosso com todos os participantes do encontro para que a viagem de volta para os estados ocorresse com paz e segurança.

Carlos leu para os participantes o texto abaixo:

Bom dia a todos(as)

Nós sabemos que o MNCR tem princípios e objetivos, os princípios nos conduz à ética, a solidariedade, a cooperação etc. E os nossos objetivos, nos orienta para irmos em busca do domínio da cadeia produtiva.

Agora quero falar um pouco, sobre um tema de grande importância para que o MNCR possa continuar avançando para conquistas, que é o planejamento tático e estratégico. Para que o MNCR trace seu planejamento, consideramos a estrutura da árvore, o campo de batalha e a estrada, que são três caixas de ferramentas, onde podemos encontrar a partir da primeira caixa de ferramentas os problemas que afetam a vida dos catadores, como todo problema tem uma origem, que podemos chamar também de raiz, e assim registrarmos esses problemas em seis níveis de análise. Político, econômico jurídico, ideológico, militar e social.

Partindo do conhecimento que já adquirimos devemos nos perguntar, O QUE FAZER PARA SOLUCIONAR DEFINITIVAMENTE OS PROBLEMAS QUE AFETAM A VIDA DOS CATADORES?



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

E aqui eu chamo a atenção da companheirada para um ponto fundamental para nós quanto movimento social organizado, este ponto chama-se UTOPIA, que é o sonho que nos empurra para nosso objetivo finalista, que é o domínio da cadeia produtiva.

Do encontro das setecentas lideranças será tirado um documento final, que vai nos situar no tempo e no espaço, onde tenhamos clareza do que queremos e podemos realizar em curto prazo, médio prazo e longo prazo.

De forma que possamos identificar o que podemos realizar já de imediato e também a longo prazo, estabelecendo estratégias flexíveis e inflexíveis, sempre com o propósito de atacar as raízes dos nossos problemas.

Então, para responder a pergunta que fizemos, o que fazer para solucionar os problemas que afetam a vida dos catadores?

Precisamos também ter claro o que queremos, com base nas árvores aqui apresentadas, foi possível identificar o que queremos alcançar para resolver os nossos problemas. Não vou seguir uma ordem estabelecida de inter-relacionamento destas ações. Em linhas gerais podemos citar:

Capacitação/formação continuada, organizar os catadores de rua e lixão, estruturar as bases orgânicas do movimento, promover a coleta solidária, formar comitês regionais, leis que obrigue o repasse de materiais produzidos nas grandes fontes geradoras, aposentadoria + insalubridade, moradia, creches, redes de comercialização, remuneração pelos serviços que prestamos, domínio da cadeia produtiva.

Saibamos que iremos enfrentar grandes lutas, visto que temos muitos e grandes inimigos, que vão também estabelecer suas estratégias, para nos empurrar para trás, o meu apelo quanto catador, é não perdermos o sonho, por que a UTOPIA é realizável, e para finalizar este meu momento faço minhas algumas palavras ditas por alguém que certamente o temos como patrono deste movimento.

CATADOR NÃO PRECISA DE ESMOLA, NÃO QUEREMOS CESTAS BÁSICAS, QUEREMOS O RECONHECIMENTO DE NOSSA CATEGORIA, COMPANHEIROS, NÃO PAREM DE LUTAR, SEM LUTA NÃO HÁ VITÓRIA

(Erick Soares)

Parte da tarde

Iniciou-se o segundo grupo de trabalho do encontro, sendo que os catadores agora foram divididos por região. A idéia era montar planos estratégicos para as organizações regionais.

Planejamento das lutas em objetivos de curto, médio e longo prazos.

Santa Catarina

- **Curto Prazo:**

Estruturar as bases; Organização dos catadores; Conquistar espaços de trabalho; Fazer ações conjuntas nacionais; Campanha de coleta solidária; Lei que obrigue o repasse obrigatório de materiais para os catadores organizados; Capital de giro para os municípios; Intercambio de experiências; Apoio dos órgãos públicos.

- **Médio Prazo:**

Centrais dos catadores; Conquistar direitos sociais; Organizar os próprios projetos; Pagamento pelos trabalhos prestados ao município.

- **Longo Prazo:**

Controle da cadeia produtiva



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

Pernambuco

- Curto Prazo:

União para se organizar e construir associações; Organização das bases; Reconhecimento da classe; Conscientização; Verba para capital de giro; Aquisição de equipamentos; Mais capacitação para os catadores; Participação da comunidade na coleta seletiva; Criação de comissão de trabalho; Divulgação pela mídia.

- Médio Prazo:

Comercialização em conjunto; Responsabilidade social do poder público; Parcerias; Criação de leis que beneficiem os catadores; Criação de políticas públicas com inclusão social.

- Longo Prazo:

Controle da cadeia produtiva.

Rio Grande do Sul I (interrompido pelo microfone)

- Curto Prazo:

Campanha de conscientização da comunidade; Fazer mais manifestações; Mais formação de militantes; Conquistar mais bases de militância; Melhor classificação dos materiais.

- Médio Prazo:

Realizar Centrais de venda por região.

- Longo Prazo:

Controle da cadeia produtiva.

Paraná

- Curto Prazo:

Conscientizar a população; União; Reivindicar nossos direitos; Mais responsabilidade entre os catadores; Aumentar a auto estima dos catadores; Capacitação dos catadores de rua; Organização das bases; Capital de giro; Apoio dos órgãos públicos; Campanha de coleta seletiva.

- Médio Prazo:

Creches nas bases; Redes centrais de comercialização; Direitos sociais para os catadores; Conquista de subsídios públicos pelos serviços prestados ao município; Moradias dignas.

- Longo Prazo:

Controle da cadeia produtiva.

O encerramento se deu de maneira rápida e indicou os resultados obtidos na reunião com o Presidente da República e com os cinco ministros do MDS, MT, Justiça, Secretaria Geral da Presidência e Cidades.



Encontro de 700 Militantes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis

Anexo 1

BASES DE ACORDO

- No horário das atividades todos deveram participar dos grupos de trabalho.
- No horário das alimentações os participantes, saíram para o refeitório conforme anunciado a caravana do seu referido estado.
- Após as 23:00 horas o horário de silêncio, passa à ser obrigatório.
- È expressamente proibido **fumar** nos alojamentos e no espaço da plenária.
- Só será permitido ingerir bebidas alcóolicas após os horários de trabalho.
- È expressamente proibido o uso de drogas dentro do espaço Minas Tênis Clube.
- Todos os técnicos presentes deveram executar o trabalho que for deliberado pela comissão, no momento em que ela precisar de apoio.
- Os técnicos deveram fazer os trabalhos de grupo entre eles, e não junto dos catadores delegados.
- Todos os participantes deveram permanecer com os seus crachás de identificação dentro do espaço Minas Tênis Clube, pois é uma exigência do próprio Clube.
- Só participarão da plenária Final os catadores delegados, e os catadores observadores e só terá direito a voto os catadores delegados.
- Em caso de mal estar o participante deverá procurar a equipe de saúde na secretária do evento.
- Teremos a equipe de autodefesa para apoio na organização do evento e para organizar os participantes dispersos no momento das atividades.

Responsável pela Relatoria Geral: Daniel De Lucca – SP
Responsável pela Relatoria do segundo grupo de trabalho: Cristiano – RS